

RENASCIMENTO E HUMANISMO: UMA NOVA CULTURA E NOVA PEDAGOGIA¹

Renaissance and humanism: a new culture and new pedagogy

RODRIGUES, João Bartolomeu²; & PINTO, Inês³

Resumo

O Renascimento e o Humanismo representaram uma transição paradigmática da visão teocêntrica medieval para o antropocentrismo, promovendo o indivíduo como centro do saber e valorizando o potencial humano. Estes movimentos revolucionaram a arte, a ciência e a educação, alicerçados em princípios como o individualismo, universalismo, secularismo, naturalismo e classicismo. Inspirados por fontes clássicas, cristãs e orientais, figuras como Leonardo da Vinci, Erasmo de Roterdão e Miguel Ângelo deixaram legados fundamentais. No campo pedagógico, destacaram-se a formação integral, a valorização das humanidades, a educação clássica e a laicização do ensino. Este artigo explora como estas transformações moldaram a pedagogia moderna, priorizando o pensamento crítico, a universalidade do conhecimento e a liberdade de expressão, consolidando um modelo educacional centrado na dignidade e no desenvolvimento harmonioso do ser humano.

Abstract

The Renaissance and Humanism represented a paradigmatic shift from the medieval theocentric worldview to anthropocentrism, promoting the individual as the center of knowledge and valuing human potential. These movements revolutionized art, science, and education, grounded in principles such as individualism, universalism, secularism, naturalism, and classicism. Inspired by classical, Christian, and Eastern sources, figures such as Leonardo da Vinci, Erasmus of Rotterdam, and Michelangelo left profound legacies. In the pedagogical field, key aspects included holistic education, the emphasis on the humanities, classical education, and the secularization of teaching. This article explores how these transformations shaped modern pedagogy, prioritizing critical thinking, the universality of knowledge, and freedom of expression, consolidating an educational model centered on the dignity and harmonious development of the human being.

Palavras-chave: *Renascimento; Humanismo; Pedagogia; Educação clássica; Antropocentrismo; Arte e ciência; Educação secular; Humanidades.*

Key-words: *Renaissance; Humanism; Pedagogy; Classical Education; Anthropocentrism; Art and Science; Secular Education; Humanities.*

Data de submissão: junho de 2025 | **Data de publicação:** setembro 2025.

¹ Standardized article, formatted, placed in the template, and translated by the team of volunteers at MUNDIS – Civic Association for Training and Culture. Translation: Carmina de Carvalho.

² JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES – UTAD & Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, PORTUGAL. Email: jbarto@utad.pt

³ INÊS PINTO - UTAD, PORTUGAL. Email: al58595@alunos.utad.pt

INTRODUÇÃO

O Renascimento e o Humanismo são dois movimentos que muitas transformações provocaram na história da civilização ocidental, caracterizando a transição da Idade Média para a Idade Moderna, entre os séculos XV e XVI. Estes movimentos não romperam apenas com as estruturas sociais e intelectuais medievais, como também inauguraram uma nova visão de mundo, na qual o ser humano assumiu um papel central, devido a um novo empoderamento proveniente da sua dignidade, liberdade e capacidade criativa. Enquanto o Renascimento foi o “palco” do florescimento das artes, ciências e cultura, o Humanismo integrou este contexto, promovendo um renovado interesse pelas humanidades e pelo potencial humano.

No cerne dessas mudanças esteve a valorização de uma educação ampla e integral, que priorizava tanto a formação moral e intelectual quanto a preparação do indivíduo para os desafios da vida prática. Este artigo explora o impacto desses movimentos na pedagogia, destacando a sua influência na formação de uma nova abordagem educacional que viria a moldar o pensamento pedagógico moderno. Ao longo deste trabalho, serão analisadas as características centrais do Renascimento e do Humanismo, os seus principais representantes, as fontes que os inspiraram e os contributos significativos para a educação, com especial atenção para o papel do educador no que toca a promoção de uma formação humanista e crítica.

Por meio desta análise, pretende-se não apenas compreender as transformações culturais e intelectuais promovidas pelo Renascimento e pelo Humanismo, mas também refletir sobre o seu legado duradouro no campo educacional. Assim, torna-se evidente como estes movimentos estabeleceram as bases para uma pedagogia que continua a valorizar a universalidade do conhecimento, o pensamento crítico e a liberdade de expressão como pilares essenciais na formação do ser humano.

CONTEXTO HISTÓRICO

Os italianos do Renascimento tinham a paixão pela Antiguidade. Queriam viver, estudar, pensar e escrever como os antigos gregos e romanos. Professores, monges, funcionários e comerciantes rivalizavam no entusiasmo com que colecionavam e comentavam manuscritos antigos. *Studia humanitatis*, as humanidades, era a designação que, orgulhosamente, davam às suas eruditas atividades. Se na Idade Média se liam os escritores antigos, era, sobretudo, para neles se procurar elementos que fortalecessem a doutrina cristã. O Renascimento, em contrapartida, estudava geralmente a literatura antiga por si mesmo. O entusiasmo que animava os propagadores dos ideais humanistas torna esta época apaixonante.

O Renascimento nasce em Itália por esta ter sido, nos séculos XV e XVI a escola da Europa.

Foi ela que deu os mais eminentes matemáticos, de Luca Pacioli a Bombelli, passando por Tartaglia e Cardano, o principal físico Benedetti, o primeiro grande anatomista, Leonardo Da Vinci, o precursor da epidemiologia racional, Fracastor, que redigiu (em verso) um importante tratado sobre a sífilis. Foi ela que abriu os primeiros jardins botânicos. Copérnico era polaco, mas esteve por duas vezes na península, passou perto de três anos em Bolonha e ensinou Matemática em Roma. Vesálio, o mais célebre anatomista do Renascimento depois de Leonardo, era belga, mas foi professor em Pádua, em Bolonha e em Pisa e foi em Itália que preparou a sua grande obra *De humani corporis fabrica* (1543). Enfim, foi a Itália que engendrou Galileu. Do mesmo modo, os centros de difusão do Humanismo italiano, Florença, Urbino, Milão, etc, foram igualmente lugares privilegiados onde progredia a pesquisa técnica e científica (Jean Delumeau, 1983, p.133).

Itália era, sem dúvida, o epicentro do Renascimento e do Humanismo.

Podemos considerar que o Renascimento teve três períodos. Quando se fala do primeiro período do Renascimento italiano, estamos a referir ao “Quatrocentos”, o século XV. Florença era o centro, mas havia outros centros artísticos de menor envergadura como Pádua, Rimini, Ferrara, Mântua, Urbino e, durante a segunda metade do século, Roma. Nos finais do século XV o Renascimento atingiu a opulenta Veneza. No século XVI (segundo período do Renascimento e princípio do terceiro) foi em Veneza que o novo espírito do Renascimento se manteve por mais tempo.

O segundo período começa em 1500 e abrange os dois primeiros decênios de “Quinhentos”. Ao resto do século chamou-se o terceiro período do Renascimento. Os artistas do primeiro período deram os traços característicos dos seus temas em formas simples e severas; os precursores do segundo período, Leonardo Da Vinci e Rafael, procuraram a grandiosidade e o sublime. Há quem identifique a diferença entre estes três períodos afirmando que o primeiro acreditava no caráter, o segundo na harmonia e o terceiro (que começa com o Miguel Ângelo) na força.

O estudo sobre o Renascimento tem gerado variadas interpretações. Neste sentido, surge aos olhos de alguns historiadores como um

oceano de contradições, um concerto por vezes estridente de aspirações divergentes, uma difícil concomitância da vontade de poderio e de uma ciência ainda balbuciante, do desejo de beleza e de um apetite malsão pelo horrível, uma mistura de simplicidade e de complicações, de pureza e de sensualidade, de caridade e de ódio (Jean Delumeau, 1982, p.22-23).

Jean Delumeau afirma, no seu livro – A Civilização do Renascimento -, que o Renascimento tinha o gosto dos *caminhos escusos* e que na verdade, o aparente regresso às fontes da beleza, do saber e da religião tinha sido apenas um meio de progredir. Vai mais longe na sua observação ao afirmar que

Alegremente se pilhou os templos de Atenas e de Roma para ornamentar os de França, de Espanha e de Inglaterra. A partir do século XVI identificou-se em Miguel Ângelo o maior artista de todos os tempos. Demoliu-se Aristóteles com base em Platão e Arquimedes. Colombo descobriu as Antilhas graças aos erros de cálculo de Ptolomeu. Lutero e Calvino, julgando restaurar a Igreja primitiva, deram uma face nova ao cristianismo. O Renascimento que se comprazia com os *emblemas* e os criptogramas, dissimulou a sua profunda originalidade e o seu desejo de novidade por trás de um hieróglifo que ainda causa enganos: A falsa imagem de um regresso ao passado (Jean Delumeau, 1983, p.22-23).

Contudo, este autor, reconhece que apesar das suas contradições, o Renascimento deu um salto para a frente. Nunca como nesta época uma civilização deu tanto valor à pintura, à música, à alta literatura e às línguas nacionais. Nunca no passado da humanidade tinham surgido tantas invenções em tão pouco tempo. Reafirma que o Renascimento foi, especialmente, progresso técnico, dando ao homem do ocidente um maior domínio sobre o mundo que à época passava a ser mais conhecido. Mas a maior característica da época do Renascimento foi o início da libertação do indivíduo, tirando do seu anonimato medieval e começando a libertá-lo das limitações coletivas. Delumeau

afirma ainda que a historiografia demonstrou que o Renascimento foi também a descoberta da criança, da família, do casamento e da esposa. Que a civilização ocidental se tornará menos antifeminista, menos hostil ao amor no lar, mais sensível à fragilidade e delicadeza da criança.

Raymond Bloch escreve e questiona, no prefácio do supracitado livro, que o

Renascimento, ligado por numerosas fibras aos séculos anteriores mostra, porém, na figura dos seus homens e das suas obras, traços e cores que preludiam de forma espantosa, os caracteres do nosso tempo. (...) Promoção do indivíduo, da pessoa, reabilitação da mulher, reforma da educação – que se pretende que seja uma verdadeira formação do homem e já não uma inútil sobrecarga do espírito, esmagado por um fardo de conhecimentos –, revalorização do corpo e da educação física, reflexão pessoal e livre sobre o homem, a sua natureza e a sua religião, ímpeto, entusiástico, enfim para as conquistas literárias e técnicas e gosto apaixonado da glória que faz reviver as mais belas tendências da Grécia e de Roma, pois não é verdade que tudo isso, que pertence verdadeiramente ao século XVI europeu, nos surge ao mesmo tempo como assunto nosso? (Jean Delumeau, 1983, p.16).

A Idade Média, comumente apelidada como a “Idade das Trevas”, era marcada pelo Feudalismo, a centralidade da Igreja Católica e por uma visão teocêntrica do Mundo. O conhecimento era restrito aos mosteiros e universidades, onde predominavam os estudos religiosos. Cabia aos monges, entre outras funções, ensinar a ler e a escrever, preservar e guardar os livros em bibliotecas, bem como a tarefa de copiá-los (monges copistas). Nas bibliotecas eram guardados não apenas os livros sagrados, como também os livros proibidos pela Igreja, nomeadamente, os livros que continham ensinamentos e reflexões da Antiguidade Clássica e que colocavam em causa os dogmas católicos e a fé cristã. No filme “O nome da Rosa”, de Umberto Eco, cuja história se passa na Itália, pode-se observar o momento crucial da humanidade em que se dá a transição do pensamento medieval para o raciocínio renascentista. A personagem Guilherme de Baskerville (frei) representa o humanismo, o pensamento lógico, as novas ideias, a valorização da ciência e do ser humano; enquanto os monges simbolizam o pensamento atrasado e místico que envolveu toda a Europa durante o período medieval.

Proveniente da palavra renascer, o movimento refere-se ao ressurgimento do interesse pela cultura clássica. Surge em Itália devido à riqueza acumulada pelo comércio e aos patrocínios artísticos de famílias poderosas, como os Médici.

O Humanismo, como componente intelectual do Renascimento, apresentou como foco a valorização do homem, da sua dignidade, da sua liberdade e da sua capacidade de criar e transformar a realidade. O Humanismo opôs-se ao teocentrismo medieval, que colocava Deus no centro de tudo, e propôs um antropocentrismo, que colocava o homem como o centro de interesse e de valor. O Humanismo também defendeu o uso da razão e da crítica, o estudo das humanidades (como a Literatura, a História, a Filosofia e as Línguas), e a formação integral do ser humano. Os humanistas procuraram aplicar as ideias da antiguidade à vida contemporânea, promovendo uma educação ampla e secular.

O Renascimento e o Humanismo valorizavam o homem, a razão, a natureza, a arte e a ciência, e influenciaram a pedagogia, ou seja, a teoria e a prática da educação.

CARACTERÍSTICAS & FONTES

O Renascimento e o Humanismo apresentaram as seguintes características:

- **Individualismo:** o reconhecimento da singularidade e da importância de cada indivíduo, que tem direito à sua própria opinião, expressão e realização.
- **Universalismo:** a busca pelo conhecimento amplo e diversificado, que abrange todas as áreas do saber e todas as culturas do mundo.
- **Secularismo:** a separação entre a esfera religiosa e a esfera temporal, que permite uma maior autonomia e liberdade para o homem lidar com os assuntos terrenos.
- **Naturalismo:** a observação e a representação fiel da natureza, que revela a beleza, a harmonia e as leis que regem o universo.
- **Classicismo:** o retomar dos modelos artísticos e intelectuais da Antiguidade Clássica, que são considerados como padrões de perfeição e de inspiração.

O Renascimento e o Humanismo basearam-se em diversas fontes que podem ser divididas em três grupos:

- **Fontes Clássicas:** são as obras de autores gregos e romanos que foram redescobertas, traduzidas e difundidas pelos humanistas como Homero, Platão, Aristóteles, Cícero, Virgílio, Ovídio, entre outros.

- **Fontes Cristãs:** são as obras de autores cristãos que foram reinterpretadas e harmonizadas com as fontes clássicas como a Bíblia, os Padres de Igreja, os Santos, os Concílios, entre outros.
- **Fontes Orientais:** são as obras dos autores orientais que foram conhecidas e incorporadas pelos europeus, como os árabes, os persas, os indianos, os chineses, entre outros.

REPRESENTANTES

O Renascimento e o Humanismo tiveram vários representantes que se destacaram pelas suas obras e pelos contributos dados para a Arte, a Ciência e a Pedagogia.

Entre eles, a referir os mais relevantes:

- **Leonardo da Vinci:** foi um dos maiores génios da História, que se dedicou à pintura, à escultura, à arquitetura, à engenharia, à anatomia, à matemática, à física, à química, à botânica, à música, entre outras áreas. As obras mais famosas são a Mona Lisa, a Última Ceia e o Homem Vitruviano.
- **Miguel Ângelo:** foi um dos maiores artistas da História, que se dedicou à pintura, à escultura, à arquitetura e à poesia. As obras mais famosas são o David, a Pietá, o Moisés, o teto da Capela Sistina e a Basílica de São Pedro.
- **Erasmus de Roterdão:** foi um dos maiores humanistas da História, que se dedicou à Filosofia, à Teologia, à Literatura e à Educação. As obras mais famosas são o Elogio da Loucura, o Colóquios Familiares e o Manual do Cavaleiro Cristão.
- **Nicolau Copérnico:** foi um dos maiores astrónomos da História, que propôs a teoria heliocêntrica, que afirma que o Sol é o centro do sistema solar e que a Terra gira em torno dele. A sua obra mais famosa é o Sobre as Revoluções dos Corpos Celestes.

- **Thomas More:** foi um dos maiores pensadores políticos da História, que defendeu a liberdade de consciência, a tolerância religiosa e a reforma social. A sua obra mais famosa é a Utopia, que descreve uma sociedade ideal, baseada na razão, na justiça e na felicidade.

CONTRIBUTOS PARA A PEDAGOGIA MODERNA

O Renascimento e o Humanismo tiveram um grande impacto na Pedagogia, ou seja, na teoria e prática da educação. O seu contributo foi a/o:

- Promoção e valorização da educação como um meio de formar o homem integral, que desenvolve as suas potencialidades físicas, intelectuais, morais e espirituais.
- Proposta de uma educação humanista, que tem como objetivo o cultivar das humanidades, ou seja, das disciplinas que se relacionam com o homem e a sua cultura, como a Literatura, a História, a Filosofia e as Línguas.
- Definição de uma educação clássica, que tem como modelo os autores e as obras da Antiguidade Clássica, que são considerados como fontes de sabedoria e de beleza.
- Incentivo a uma educação universal, que tem como meta o conhecimento amplo e diversificado, que abrange todas as áreas do saber e todas as culturas do mundo.
- Estímulo a uma educação crítica, que tem como método o uso da razão e da análise, que permitem ao homem questionar, investigar e criar o seu próprio conhecimento.
- Possibilidade de uma educação laica, que tem como princípio a separação entre a esfera religiosa e a esfera temporal, que garantem ao homem a liberdade de pensamento e de expressão.
- Orientação para a matemática e para a ciência quantitativa.

A “pegada” mais marcante do Renascimento foi sem dúvida a deixada por homens como Rabelais, Montaigne e Rousseau, pois modelaram a pedagogia na natureza humana e definiram com clareza o objetivo fundamental de toda a educação: não mutilar o homem, mas desenvolvê-lo harmoniosamente na sua totalidade.

Quanto à instrução propriamente dita, os princípios de Montaigne são tão válidos hoje como eram há cinco séculos atrás. Formar a capacidade de juízo, evitar sobrecarregar a memória com um amontoado de conhecimentos, tantas vezes inúteis, são regras que ainda hoje todos aceitamos, mas que, ainda hoje, é difícil pôr em prática.

Se o Renascimento provocou uma revolução quantitativa no domínio da instrução, o Humanismo fez da instrução o principal meio da educação. Colocou-se resolutamente no plano moral e esta atitude, situada no centro das transformações radicais do Renascimento, teve consequências incalculáveis. Ela foi uma das grandes opções criadoras do mundo moderno. Vittorino da Feltre, nos seus tratados de educação, afirmava:

Nem todos são chamados a ser legistas, físicos ou filósofos e a viver no primeiro plano da vida. Nem todos foram dotados pela natureza com qualidades excepcionais mas todos, tais como somos, fomos criados para viver em sociedade e para os deveres que essa vida implica. Somos todos responsáveis pela influência pessoal que exercemos (Jean Delumeau, 1983, p.83 e 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Renascimento e o Humanismo representam:

A Transição de Uma Visão Teocêntrica para Uma Visão Antropocêntrica

A oposição ao teocentrismo medieval, colocando o homem no centro do saber e do universo. Esta mudança de paradigma teve um impacto profundo não só na religião e filosofia, mas também na educação. O facto de o homem passar a ser visto como o centro do conhecimento implica que a educação deixa de ser uma ferramenta exclusiva para a salvação religiosa e passa a focar-se no desenvolvimento pleno da pessoa. Esta mudança de perspectiva influenciou o papel do educador, que, em vez de ser um intermediário entre Deus e o aluno, passou a ser um facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento humano.

A Valorização das Humanidades

O Humanismo defendeu a importância das humanidades (Literatura, Filosofia, História, Linguística), que são disciplinas que ajudam a compreender o ser humano e o seu lugar no mundo. Essa ênfase nas humanidades teve grande impacto na formação do currículo educacional da época e ainda hoje é visível em muitas escolas e universidades modernas. Esta ênfase nas humanidades contribuiu para uma formação mais integral, que não se limitava apenas à instrução técnica ou religiosa, mas que também se focava no caráter e na moral do aluno.

A Educação Clássica como Modelo

A educação baseada nos clássicos da Antiguidade Clássica (gregos e romanos) foi um elemento central da pedagogia humanista. Além de ser uma fonte de inspiração intelectual, os clássicos ofereciam modelos de virtude, sabedoria e estética que moldavam o caráter e o pensamento dos indivíduos. A educação clássica foi importante para a formação do indivíduo e os métodos educacionais dessa época podem ser aplicados ao ensino contemporâneo. A integração dos clássicos com o conhecimento moderno contribui para uma visão mais holística e integrada do ensino.

A Educação Secular e Laica

O Humanismo e o Renascimento estabeleceram um modelo educacional mais secular, distanciando-se das instituições e dos dogmas religiosos que dominavam a Idade Média. A separação entre as esferas religiosa e temporal garantiu um maior espaço para a liberdade de pensamento e a investigação científica. Esta separação influenciou a autonomia do educador e do aluno, e a liberdade académica tornou-se num valor precioso no ambiente educativo.

A Formação Integral do Ser Humano

O conceito de "formação integral" (intelectual, moral, física e espiritual) foi um princípio fundamental na pedagogia humanista. A educação deveria não só cultivar a mente, mas também o corpo e o espírito. Esta visão integral é importante para o desenvolvimento do aluno como um ser completo, capaz de pensar de forma crítica e criativa.

A Educação Universal

A ideia de uma educação universal, que abrange todas as áreas do saber, todas as culturas e todos os indivíduos, foi uma das mais inovadoras contribuições do Renascimento e do Humanismo. A busca pelo conhecimento não se limitava ao campo religioso ou à visão europeia, mas expandia-se para outras culturas e áreas do saber. A busca por uma educação universal pode ser aplicada no contexto atual, num mundo cada vez mais globalizado e multicultural.

O Papel do Educador

O papel do educador no Renascimento e no Humanismo evoluiu de um simples transmissor de conhecimento para um guia e facilitador da aprendizagem, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e a busca do conhecimento pelo próprio aluno. É necessário promover ambientes de aprendizagem onde os alunos possam explorar, questionar e construir o conhecimento de forma ativa.

CONCLUSÃO

O Renascimento e o Humanismo foram, indiscutivelmente, movimentos que revolucionaram a Pedagogia, ao introduzirem novos conceitos, valores e métodos na educação. Eles representaram uma mudança no paradigma que passou de teocentrismo medieval para o antropocentrismo moderno. Influenciaram a pedagogia de vários pensadores e pedagogos, como Comênio, Montaigne, Rousseau, Pestalozzi, entre outros.

As consequências do Humanismo foram extremamente importantes para a cultura ocidental. O rompimento com o modelo medieval de sociedade resultou numa sociedade mais livre, mais tolerante, e uma separação entre Igreja e Estado.

Este interesse renovado pelo mundo greco-latino possibilitou a superação das limitações impostas pela autoridade religiosa e levou a um relativo enfraquecimento do poder da Igreja Católica que, mais tarde, teve de enfrentar o ataque da Reforma Protestante (a partir do século XVI). O pensamento científico, iniciado pela chamada Revolução Científica dos séculos XVI e XVII, mudou para sempre o paradigma da compreensão e do estudo do mundo natural e do ser humano. Desta forma, foram estabelecidas as bases para diferentes correntes filosóficas, políticas e sociais, como o Iluminismo e o Racionalismo, que, em alguns casos, influenciaram episódios históricos como a Revolução Francesa de 1789 e a queda do Antigo Regime.

O Renascimento e o Humanismo marcaram uma das mais significativas reviravoltas no panorama cultural, intelectual e educacional da história. Rompendo com o teocentrismo e as limitações impostas pela visão medieval do mundo, estes movimentos trouxeram à tona uma nova forma de entender a vida, o conhecimento e o papel do ser humano na sociedade. A redescoberta da Antiguidade Clássica, aliada à valorização da razão, da observação e do espírito crítico, não apenas transformou as artes, a ciência e a política, mas também inaugurou uma nova pedagogia centrada no indivíduo e no seu potencial.

O impacto do Renascimento e do Humanismo na educação foi profundo e duradouro. Ao promoverem uma visão humanista e crítica da aprendizagem, enfatizaram a importância de uma formação integral que abrange tanto as humanidades quanto as ciências. A ênfase na liberdade de pensamento, no diálogo e na investigação moldou currículos e métodos de ensino que ainda hoje inspiram educadores e instituições. Figuras como Leonardo da Vinci, Erasmo de Roterdão e Thomas More exemplificam o espírito deste período, integrando arte, ciência e ética numa visão coesa do que significa ser humano.

Por fim, o legado pedagógico do Renascimento e do Humanismo transcende as fronteiras do seu tempo, deixando lições valiosas para os desafios educacionais contemporâneos. A defesa de uma educação que valorize a diversidade do saber, a liberdade de expressão e o desenvolvimento integral do indivíduo continua a ser um ideal a ser perseguido. Este artigo reafirma a relevância desses movimentos não apenas como marcos históricos, mas como fontes de inspiração para uma educação mais humanista, inclusiva e transformadora no mundo atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

Delumeau, J. (1983). A civilização do Renascimento (Vol. 1). Imprensa Universitária; Editorial Estampa. (Obra originalmente publicada em 1964).

Delumeau, J. (1984). A civilização do Renascimento (Vol. 2). Imprensa Universitária; Editorial Estampa. (Obra originalmente publicada em 1964).

Grimberg, C. (1967). História universal: O Renascimento Italiano. Os Descobrimentos (Vol. 9). Publicações Europa-América.

Websites

FASPEC. (n.d.). O Renascimento e o Humanismo. <https://blog.faspec.edu.br/o-renascimento-e-o-humanismo/>

Humanidades. (n.d.). Renascimento e Humanismo.
<https://humanidades.com/br/renascimento-e-humanismo/>

Filme

Annaud, J.-J. (Realizador). (1986). O nome da rosa [Filme]. Baseado no livro de Umberto Eco.